

DIRECTOR: ANTÓNIO F. GAIO



SUBDIRECTOR: ANTÓNIO A. SANTOS

ANO 45 / N.º 2277 / 22 DE NOVEMBRO DE 1975 — PREÇO 3\$00

EDITORIAL

IMPRENSA REGIONAL

Há jornais neste país. Muitos jornais. Diários, semanários, mensários, jornais razoáveis e jornais reaccionários, jornais de luta e jornais de paz, jornais de padres, de senhores e de «todos nós». Muito frequentemente aparecem jornais novos a tentar preencher um determinado espaço que, ao fim e ao cabo, continua talvez vazio. No meio dos «tubarões» aparecem por vezes uns jornais mais pequenitos, mais simples, mais despretensiosos. São os jornais regionais, humildes e amadores, mas que, de cabeça levantada contra o vento (alguns...), procuram um verdadeiro espaço por ocupar: o das realidades concretas dos nossos vizinhos, dos problemas que acontecem mesmo ao pé de nós, problemas que pouco interessam aos «jornais da capital», pois não decidem um país. No fim de contas são aqueles jornais que acreditam sinceramente que a revolução é algo a fazer por todos nós, a partir do nosso lugar, e não apenas em S. Bento, ou em Belém, em gabinete de presidentes, ministros e secretários... Nem todos os regionais, bem entendido! Mas seria esta a sua missão.

A Imprensa Regional é despretensiosa, o que não quer dizer «subserviente» ou «de má qualidade». Nasce da carolice de uns tantos indivíduos, daqueles que não são jornalistas profissionais nem grandes e destinados profetas do universo político. São gente que tenta servir.

A Imprensa Regional é pouco rentável. Tem tiragens pequenas, pois destina-se fundamentalmente às pessoas da terra. Vive da boa-vontade dos leitores (apoio, assinaturas, divulgação, publicidade), mas tem que sujeitar-se às regras do mercado capitalista. Boa-vontade sem dinheiro e apoio só moral não pagam tipografias nem papel. Por isso a sua existência é difícil. Como é difícil, sob uma certa óptica bem conhecida, a existência de tudo o que não seja economicamente rentável...

A Imprensa Regional é incómoda. Não se dedica às «grandes questões nacionais», às «perspectivas fundamentais do processo revolucionário em curso», coisas que todos discutimos acaloradamente no café, mas de que nos sentimos mais ou menos alheados: a responsabilidade dessas grandes decisões, deixamo-la ao governo ou aos órgãos de chefia do nosso partido, àquelas «pessoas que pensam, que sabem, que velam pelos nossos interesses». O jornal regional bate-nos mesmo à porta, mostra-nos o estado em que vivem os nossos vizinhos, diz-nos o que pensam e fazem aqueles que vemos todos os dias, ensina-nos os aspectos da nossa terra que nunca quisemos conhecer, apela para uma acção concreta face a carências concretas. Não nos diz que há muitos bairros de lata no mundo («que pena, coitadinhos!...»); diz, isso sim, que há bairros de lata mesmo aqui, a dois passos de nossa casa... Nessa altura o roupão e as pantufas começam a ser incómodos...

A Imprensa Regional luta pela sua existência e pela sua liberdade. Luta por vezes árdua e difícil. Claro que um jornal incómodo não agrada a toda a gente, muito menos àqueles a quem incomoda mais directamente. Da mesma maneira, um jornal pouco rentável só subsiste se lhe derem dinheiro. E nem todas as pessoas podem dar dinheiro. Costuma dizer-se que «quem dá o pão, dá a educação»; eu quase diria que «quem dá o dinheiro, dá a condição». O dinheiro dá-se mediante condições, umas aceitáveis, outras de todo insuportáveis. A crise económica da Imprensa Regional é uma verdade. Quantos pequenos jornais se queixam de não poderem continuar numa linha séria, revolucionária e ao lado dos explorados, precisamente porque não são esses explorados os donos reais do jornal, os que «entram com as massas»? Quem entra com o dinheiro gosta de ver os seus negócios prosperarem comodamente e sem sobressaltos... Jornal que não rende (em termos económicos e não só...) é jornal que não interessa...

Onde digo «A Imprensa Regional é», seria talvez melhor «a Imprensa Regional deve ser». Porque ela nem sempre é conforme a opinião aqui expressa. Há jornais regionais (e quantos são!) que nem são incómodos, nem ligam às realidades da terra, nem têm uma existência difícil. Pois há. E, concretamente, a «Defesa de Espinho» também poderia ser assim. Como tantas vezes foi ao longo da sua

(Conclui na pág. 2)

Eu não sou um cavalo!

por Oldequim

Não, não sou, ou, pelo menos, estou convencido de que não sou.

E, se digo que não sou um cavalo, se o afirmo assim convictamente, não é para lembrar que não ando albardado nem ajaezado com selime outros arreios; não é para chamara a atenção para o facto de calçar sapatos e não ferraduras; não é para que vocês reparem que como à mesa e não numa mangedoura; não é para recordar — a quem interessar — que gosto de mulheres e não de éguas nem de mulas; não é para assinalar que os meus filhos são crianças e não potros!

E, se digo que não sou um cavalo, não é para informar os leitores — que talvez já suspeitem disso.

Não!

Se digo que não sou um cavalo é para ver se vou a tempo de evitar que me tratem como tal.

Bolas! É que estou farto, refarto e recontrafarto de ver que me querem montar; que querem escarrranchar-se no meu lombo e, à força de rédea, ou de espora ou de chibata, tocar-me para onde lhes convém.

Apre! Basta!

Dizem-me que o Governo é revolucionário à brava; que não é das direitas — cal quê! — mas eu, os saneamentos, onde os vejo é à esquerda; o terreno perdido quem o recupera são os reaças; as soluções adop-

tadas fazem arreganhar a dentuça é à direita!

Isto não é querer montar-me, não é querer fazer de mim uma cavalgadura?!

Metem Pides em cadeias «das mais seguras da Europa», mas não põem os dispositivos de alarme a funcionar; mas rodeiam-se esses facinoras de todas as facilidades, de requintes, de ternuras, de desvelos maternais, de fosquinhas, para que, coitados dos tristes!, não figuem muito traumatizados com a temporária detenção; mas não exercem a vigilância apropriada (que castigo terá sofrido o guarda que deu o alarme?); mas não se fez o impossível para reencontrar e reenclausurar essas feras; mas, se se procede a inquérito, ele não avança, dele não se dá conhecimento, dele não se sabem as consequências para os prováveis culpados.

Ao ver o seguimento que (não) se dá a estes e outros inquéritos, não tenho eu razão para pensar que querem fazer de mim um rocinante, uma pileca, lazarenta embora, mas montável?!

Mas não é só por estas coisas que eu sinto necessidade de me pôr a relinchar — perdão! a gritar que não sou um cavalo!

Senhores dos ministérios, secre-

(Continua na pág.ª 2)

LEIA NESTE NÚMERO:

Como vai o negócio? (Página 5)



A HISTÓRIA REPETIR-SE-Á? ESTA IMAGEM QUE DEMONSTRA A INVESTIDA PERIÓDICA DO MAR SOBRE A NOSSA PRAIA, ACONTECERÁ DE NOVO ESTE ANO?

Participação do Leitor

Exmo. Senhor Director da

DEFESA DE ESPINHO

Permita-me V. Exa. que faça esta pergunta:

Porque não se publica na DE-FESA DE ESPINHO assuntos que interessam a todos os Espinhenses?

Um exemplo:

Já várias vezes tenho lido um aviso em jornais do Porto de corte de corrente, em certos Domingos, em Espinho. Teremos todos que ser obrigados a comprar os jornais do Porto para estarmos ao facto do que se passa nesta cidade?

Com os meus respeitos, sou

atentamente de V. Exa. um assinante e leitor assíduo.

Elói Marques Pereira

N. da R. — Em resposta à carta acima publicada, devemos esclarecer que sempre temos publicado avisos do género, desde que os Serviços Municipalizados nos comuniquem o facto. Fazemos nossas as palavras do nosso leitor.

Nota da Redacção

Recebemos uma carta de um leitor que se assina simplesmente: R. O. C. Agradecemos que este nosso leitor se identifique perante a redacção, sem o que não poderemos publicar a referida carta.

EDITORIAL

Imprensa regional

(Conclusão da pág. 1)

história. Um jornal com os casamentos, nascimentos e mortes da terra, com o «regresso de férias dos srs. drs. Fulano e Sicrano», com os resultados de futebol, voleibol, andebol cá do sítio, com uma bela prosa sobre os estragos do mar ou o extinto barração da C.P. e com uns anúncios, só com isto, seria um jornal calmo, agradável, cerimonioso, incontroverso, e nem sequer daria grande trabalho a fazer. Não foi esse o caminho que escolhemos de há uns meses para cá. Fomos pelo caminho mais difícil e, por isso mesmo, mais perigoso. Sem vaidades, tentámos uma via de seriedade e de exigência dentro do possível, embora com a consciência das limitações e dos falhanços cometidos. Escolhemos um caminho difícil. Caminho talvez um pouco idêntico àquele em que já muitos jornais regionais foram levados a «esbarrar-se». Contingências de quem tenta manter a cabeça erguida e expor a face contra os ventos...

Fernando Guedes Escola

MISSA DE 3.º ANIVERSÁRIO

A Família participa que no dia 24 pelas 19 horas, na Igreja de Espinho será celebrada Missa de sufrágio do seu 3.º aniversário.

Agradece às pessoas amigas que possam comparecer.

A Familia

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária licenciada Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 12 de Novembro de 1975, lavrada de folhas 139 verso a 140 verso do livro de notas para escrituras diversas B-Número 42, deste cartório notarial de Espinho, foi alterado o artigo sexto do pacto social que rege a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com a denominação de «POLIPOLI-POLIESTERES REFORÇADOS INDUSTRIAIS, LIMITADA», com sede no lugar de Barros, freguesia de Silvalde, deste concelho, ao qual é dada a seguinte nova redacção:

SEXTO — A sociedade será representada em juízo ou fora dele, activa e passivamente, por todos os sócios que desde já são nomeados gerentes. Porém, nos actos e contratos que envolvam responsabilidade para a sociedade, designadamente letras, livranças, cheques e semelhantes, a representação será feita por dois gerentes.

Parágrafo único. — Os actos de mero expediente poderão ser firmados por um gerente.

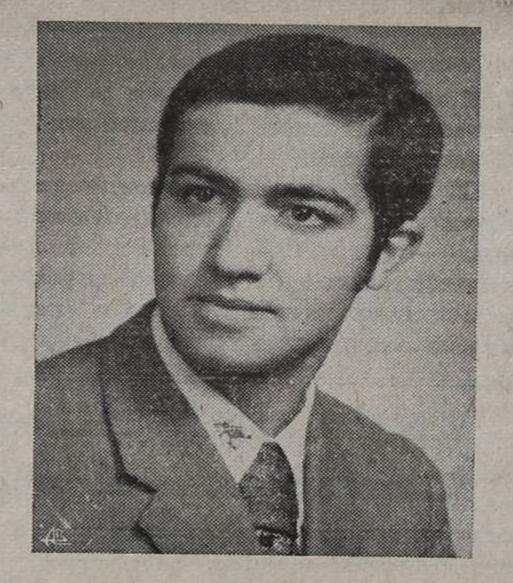
Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 13 de Novembro de 1975.

Ressalvo a emenda «INDUSTRIAIS».

O Ajudante do Cartório, José dos Santos Sil

N.º 2277 — 22-11-75 — Defesa de Espinho



Missa do 4.º Aniversário

Augusto Fernando de Sá Almeida

Seus pais e irmãs mandam celebrar uma missa do 4.º aniversário do seu falecimento na Casa das Doentinhas, de Fiães da Feira, no dia 24 do corrente mês, pelas 21 horas, pelo que agradecem a todas as pessoas amigas a assistirem a este piedoso acto.

Lacador

Admite Firma a 5 Kms de Espinho.

Pedrosa da Rocha & C.*, Lda.

Telefs.: 967412 e 967829

Compra-se

Propriedade entre as Ruas 8 e 26, 7 e 33. Resposta à Redacção ao N.º 91. Guarda-se sigilo

Eu não sou um cavalo!

(Conclusão da 1.º pág.)

tarias de Estado, direcções-gerais, estados-maiores disto ou daquilo, do diabo que vos carregue!

Senhores dos Copcons, Comandos, PMs, AMIs e outras unidades, eficientérrimas na manutenção da ordem pública!

Senhores disputados da Assembleia dita Constituinte!

Senhores dos partidos, movimentos, frentes, facções, do raio que vos parta!

Senhores dos sindicatos, associações patronais, comissões de trabalhadores, organizações disto, daquilo, daqueloutro!

Também vós quereis fazer de mim um cavalo!

Admirais-vos?!

Então, com trinta e seis mil milhões de bichanos ratazanos, por que me impingis doses cavalares de comunicados, de notas, de ofícios, de conferências de imprensa, de discursatas, de slogans, de frases feitas (rimadas ou não)?

Se o país não é uma cavalariça;

se este infeliz rectângulo no extremo sudoeste da Europa não é uma coudelaria; bolas! por que nos espetais doses de cavalo da vossa estúpida e imbecilizante propaganda, que não nos ensina; que não nos esclarece; que não nos ajuda a compreender; antes — nos confunde; nos cega; nos desorienta; nos baralha; nos leva ao alheamento, à indiferença, à errada convicção de que a política é para os outros, é para os politiqueiros, é para os profissionais da agitação, da demagogia, da confusão, da balbúrdia.

Pois bem, excelentíssimos javardos, aqui fica um aviso:

Se continuais a tratar o Povo como uma vasta manada de cavalgaduras, não vos espanteis se um dia as bestas lançarem a albarda ao ar e vos pregarem um valente par de coices, bem merecido, tão merecido por andardes a fazer pouco desse Povo que quer apenas — mais nada! — que lhe seja garantido aquilo a que tem pleno direito: a Felicidade na Dignidade.

OLDEQUIM

DEFESA DE ESPINITIO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

REDACÇÃO

ALEXANDRE FALCAO
FAUSTO NEVES
JOAQUIM FIDALGO
JORGE CATARINO
JOSÉ JOAO MAIA
JOSÉ PINTO
MORAIS GAIO
NUNO BARBOSA
VITOR SOUSA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

Redacção e Administração
RUA 19 — N.º 62
TELEFONE, 921525
AVENÇADO

Composição e Impressão
OFICINAS GRÁFICAS DA
CASA NUN'ALVARES

Rua de Santa Catarina, 630 PORTO

Compro

Vivenda com mínimo de 4 quartos, ou terreno de Gaveto para construção de moradia em Espinho.

Informar para «Suil» Rua 23 n.º 389

CASA DAS CHAVES

F. S. SILVA

— Rua 23 N.º 444-R/C — ESPINHO

Especializada em consertos e modificações de fechaduras — Mande
fazer a sua chave apenas em 1 minuto
Cores portáteis — Fechaduras e Sinais de Alarme, etc. —

Leia e assine a «D. E.»

AOS EMIGRANTES

RÁDIO LIBERDADE é uma emissão do Ministério da Comunicação Social para os trabalhadores portugueses espalhados pela Europa.

Embora a Emissora Nacional transmita todos os dias, nós sabemos que para os portugueses que trabalham no estrangeiro não há notícias de Portugal que excedam o seu desejo de acompanhar o que se passa na sua terra. Por isso esta emissão especial em português para a Europa.

As emissões são transmitidas directamente de um estúdio instalado no Ministério da Comunicação Social, no Palácio Foz, em Lisboa.

São transmitidas pelas antenas da Trans-Europa (Deutsch Welle) para se dar utilidade a um acordo anterior ao 25 de Abril, pelo qual o Estado português pode utilizar gratuitamente as antenas que aquela emissora instalou em Sines.

Os trabalhadores portugueses no estrangeiro, são considerados pelo actual Governo Democrático como verdadeiros portugueses que as condições económicas do País obrigaram a emigrar, mas que são tão portugueses como os que aqui estamos, alguns de nós também antigos emigrantes, por razões económicas ou políticas.

Portanto, esta é uma voz de portugueses para portugueses. Todos os dias com o seguinte horário:

RÁDIO LIBERDADE: de 2.º a sábado: das 21 às 22 horas.

Ondas curtas — 31 metros — 9680 kilociclos.

ao domingo das 13 às 14 horas. Ondas curtas — 49 metros — 6115 kilociclos.

Se vive na Europa e ouve RADIO LIBERDADE, escreva para:

Rádio Liberdade — Ministério da Comunicação Social — Apartado 2495 — Restauradores — Lisboa 2 — Portugal.

MÉDICO

Para sua instalação e até ter vivenda própria, necessita de casa de preferência ou andar com mínimo de 3 quartos. Informar para a «Suil»

Rua 23 n.º 389 — Espinho

MARA ME ESPINE

an sido

Paroc

acio-Esm

edo no s

ncedia e l

Entregu

No dia

de Come

tividuo ou

econhecid

230\$00

mximado

metrado at

No dia

toite de 1

Prepara

addos, te

tarte inferi

goes, dor

tanificaran

faço púb asção tom sembro de sectação

Rua 6 de st a 19 de st a Rua 19 Casino de st sticos da

iodas as la contra no praz deste e contra de contra

para con interest de igual tra do est do est

o v

200

90

da

ara

· é

da

dia

de

ido

sse

dal

na

S

nis-

So-

ins-

igal

pa-

Por

uês

rec-

Mi-

Pa-

da

se

an-

em

no

rer-

ões

mi-

mo

tu-

do:

10

NOTICIAS DA CIDADE

DIRECTOR DA «DEFESA»

Na assembleia geral da «Empes— Empresa de Publicidade de Espinho, Lda.», realizada no passado dia 30 de Outubro, pediu a demissão do seu cargo, o actual director António Gaio, que a partir de 30 de Novembro próximo, deixará de exercer as suas funções.

PELA P. S. P.

No dia 13/11/75, foi detido Manuel Armando Marques, solteiro, nascido em 22/7/959, sem profissão, residente no lugar da Fonte, Silvalde, Espinho, por ter sido surpreendido com alguns objectos e peças de roupa que havia furtado numa residência do Bairro Violas (Rua 43 -Espinho), sendo entregue no Tribunal da Comarca.

No mesmo dia, foram detidos Augusto Oliveira Rodrigues, solteiro, nascido a 12/12/955, corticeiro, residente no lugar de Barroso, freguesia de Paços de Brandão e Carlos Alberto Alves Marques Ferreira, solteiro, nascido a 19/2/959, serralheiro, residente no lugar de Casais de Cima -Riomeão, ambos do concelho da Feira, por terem sido surpreendidos no interior do Salão Paroquial de Silvalde, onde haviam penetrado, após arrombamento de uma janela. Foram entregues no Tribunal desta Comarca.

No dia 15/11/975, foi capturado José António Raposo, nascido a 15/9/942, casado, industrial, residente na Avenida da Estação-Esmoriz-Ovar, por se haver intrometido no serviço a que o agente captor procedia e por ter tentado agredir o mesmo. Entregue no Tribunal desta Comarca.

No dia 17/11/975, foi a Escola Industrial e Comercial de Espinho assaltada por indivíduo ou indivíduos, até ao momento desconhecidos, donde furtaram a quantia de 230\$00 e artigos escolares no valor aproximado de 350\$00, tendo para o efeito penetrado através da semi-abertura de uma janela.

No dia 17/11/75, ou melhor durante a noite de 17 para 18, foi assaltado a Escola Preparatória Sá Couto por desconhecidos, tendo para o efeito arrombado a parte inferior duma porta interior das instalações, donde furtaram cerca de 210\$00 e danificaram o cofre existente na secretaria.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL N.º 149/75

ARTUR PEREIRA BÁRTOLO, Vice-Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faço público, em cumprimento da deliberação tomada por esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 5 de Novembro de 1975, que vai proceder à desafectação do domínio público do troço da Rua 6, compreendido entre as Ruas 17 e 19, desta cidade de Espinho, a confrontar do norte com a Rua 17, do sul com a Rua 19, do nascente com o edifício do Casino de Espinho e do poente com a Solverde - Sociedade de Investimentos Turísticos da Costa Verde, Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada, pelo que todas as pessoas que pretendam reclamar contra esta desafectação o deverão fazer no prazo de 20 dias, a contar da data deste edital, entregando as mesmas reclamações neste Município.

E, para constar se passou este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicado um no Jornal «DEFESA DE ESPINHO».

Espinho e Paços do Concelho, 14 de Novembro de 1975.

O VICE-PRESIDENTE,

Artur Pereira Bártolo

N.º 2268 — 22-11-75 — Defesa de Espinho

RECOLHA DE LIXO

Desde há muito tempo vinha a Câmara tentando a compra de mais um carro de lixo, dado que os existentes não podiam garantir um bom trabalho. Depois de muita porfia (Lisboa às vezes não conhece bem os problemas de cá...), agora parece que vai. Foi recebido um subsídio de 935 contos da parte do Estado, e já foi aberto concurso para a aquisição desse carro. Vamos ver se ele ajuda a fazer a cidade mais limpa e higiénica...

OS BURACOS NA RUA 19

Temos visto trabalhos, buracos, valas na rua 19. Parece que se está a proceder a um reforço dos cabos telefónicos, pois a rua 19 vai ser asfaltada. Os trabalhos deverão começar no princípio do ano que vem, lá para Janeiro.

ACESSOS AO LICEU

Os alunos do Liceu vão finalmente ter por onde caminhar, sem ser pelo meio da estrada. Devem começar na próxima semana os trabalhos para calcetar os passeios da rua 19, desde a rua 30, até à estrada das Alminhas. Aliás, a empreitada da obra foi já concedida a 18 de Outubro. Dentro desta concessão, serão feitos ainda os passeios na Avenida 24 (entre as ruas 62 e 41), na Escola Primária da rua 22 (os troços das ruas 22 e 33) e no Hospital (pedaços da Avenida 24 e da Rua 35, entre o Hospital e o Dispensário). Bem necessários se tornam agora que o Inverno bate à porta...

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

ARTUR PEREIRA BÁRTOLO, Vice-Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faço público, em cumprimento da deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião ordinária de cinco do corrente mês, que a Feira Semanal que teria lugar no dia OITO de Dezembro próximo é transferida para o dia seguinte, TER-ÇA-FEIRA, por coincidir com feriado equiparado a domingo.

E, para constar se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicado um na «DE-FESA DE ESPINHO».

Espinho e Paços do Concelho, 12 de Outubro de 1975.

> O VICE-PRESIDENTE, Artur Pereira Bártolo

N.º 2268 - 22-11-75 - Defesa de Espinho

DO HOSPITAL

Movimento de 11/11/1975 a 18/11/1975

Internamentos Gerais	55
Exames Radiográficos	140
Crianças Nascidas	18

Intervenções Cirurgicas

Oftalmologia	1
Ortopedia	2
Cirurgia Geral	10
Urologia	8
Otorrino	7

Serviço de Urgência

Homens	272
Mulheres	232

Internamentos entre outros

Manuel Silva Vinagre; Maria Alice Domingues Sousa; Orlanda Maria Marques Andrade; Augusto Pereira.

ARRANJOS NA FEIRA

A Feira de Espinho é grande, sempre cada vez maior. Daí a necessidade de se manter bem arranjada e com as condições que a sua importância exige. Segundo fomos informados na Câmara Municipal, vão ser pavimentados mais uns pedaços: concretamente, vai completar-se a pavimentação dos lugares que ainda faltavam no 1.º quarteirão da Feira. Vamos lá a ver se se continua. A nobreza obriga, lá diz o ditado. E o Mercado Semanal de Espinho, por mérito próprio, tem responsabilidades no Norte do País.

AS «GRALHAS» TIPOGRÁFICAS

De há uns números para cá os escritos publicados nas páginas de «D. E.» têm sido vitimados por variadas «gralhas», umas relativamente discretas outras mais graves e que saltam aos olhos de toda a

Por exemplo no passado número, no artigo «O Teatro em Espinho», a gralha apesar de não ser notada pela maioria, é de salientar já que quando em referência ao título duma peça teatral «O Carrinho de Mão, apareceu impresso o título «O Caminho de Maio».

Destes erros cuja culpa não cabe somente à Tipografia, como também à redacção do jornal, apresentamos aos leitores as nossas desculpas, na intenção de as suprimirmos na medida do possível!

PATRONATO

Movimento de 11/11/1975 a 18/11/1975

Jardim Infância	
(Dos 2 aos 6 anos)	290
Tempos Livres	
(Dos 7 aos 12 anos)	115
Total de crianças	405
Sopas	378
Refeições Completas	120

ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS **ESPINHENSES**

RUA 16 -- ESPINHO

Assembleia Geral Ordinária

Convido os Senhores Associados a reunir em Assembleia Geral Ordinária, nas nossas instalações, no dia 1 de Dezembro de 1975, pelas 21 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1.6 Leitura da acta da última Assembleia;
- 2.º Aprovação do 1.º Orçamento Su- FALECIMENTOS
- plementar para 1975;
- 3.º Aprovação do Orçamento Ordiná-
- rio para 1976;
- 4.º Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1976/1978;
- 5.0 Resolver qualquer assunto de interesse Associativo.

Espinho, 8 de Novembro de 1975.

O Vice-Presidente em exercício da Assembleia Geral

(Francisco Gomes de Castro)

Aviso: Se à hora marcada não estiver a maioria dos Associados, a Assembleia funcionará uma hora depois da marcada com qualquer número de sócios.

Vendem-se

Apartamentos acabados de construir na Rua 4, próximo ao Pavilhão de

Espinho ----

Ver no mesmo local ou pelo Telefone, 964134

Agenda

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

4.º TURNO

Hoje, sábado — GRANDE FARMÁCIA,

Rua 62, n.º 457 — Telef. 920092. Amanhã, domingo - FARMÁCIA TEI-

XEIRA, Rua 19, n.º 46 - Teief. 920352. Segunda-feira - FARMÁCIA SAN-TOS, Rua 19, n.º 263 — Telef. 920331.

Terça-feira — FARMÁCIA PAIVA, Rua 19, n.º 319 — Telef. 920250. Quarta-feira — FARMÁCIA HIGIENE,

Rua 19, n.º 393 — Telef. 920320. Quinta--feira — GRANDE FARMÁCIA, Rua 62, n.º 457 — Telef. 920092.

Sexta-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA, Rua 19, n.º 46 — Telef. 920352.

CINEMAS

S. PEDRO:

Hoje, Sábado, 22 - A PELE DO DIA-BO, com Patrick Wimarik e Michele Dotrice - 18 anos.

Amanhã, Domingo, 23 - UM AMOR PASSAGEIRO, com Romy Schneider e Nino Castelnuovo - 18 anos.

Terça-feira, 25 — GAPPA O MONS-TRO, com Tamic Kawaji e Tatsuya Fuji - 10 anos.

Quinta-feira, 27 - CURVAS NAS FÉ-RIAS, com Reg Varney e Stephen Lewis - 13 anos.

Sexta-feira, 28 — AS AMANTES DO VAMPIRO, com Peter Cushing e Kate O'Hara — 18 anos.

CASINO:

Hoje, Sábado, 22, Amanhã, Domingo, 23 e Segunda-feira, 24 — A LINDA PAME-LA, com Ann Michelle e Anna Quayle - 13 anos.

Quarta-feira, 26 — O MONTE DOS VENDAVAIS, com Timothy Dalton e Anna Calder-Marshall - 18 anos.

Quinta-feira, 27 — O MONTE DOS VENDAVAIS. - 18 anos.

Sexta-feira, 28 — COMO CAÇAR UM MARIDO - 18 anos.

CASAMENTOS

Em Espinho:

Domingos Gomes de Oliveira com Maria Angela Pereira Alves Ricardo; Joaquim José Pinto Ramos com Maria José da Costa Pereira.

Em Silvalde:

Augusto da Silva da Cunha Folha com Maria de Lima Soares.

Em Guetim:

José Dias com Maria de Lurdes Salurgueiro.

Em Espinho:

Adelaide Arminda Coelho, de 64 anos, casada com Abílio Pinto;

Gracinda de Oliveira, de 87 anos, viúva de Manuel de Oliveira Carvalho; Manuel Fernando Almeida, casado com

Maria Adelaide de Oliveira Valente: Avelino Domingos da Costa, de 79 anos, casado com Severina Ferreira Capela.

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc. Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h. Telef. 921587 (das 9 às 20 h.) Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

PARAMOS

«A HISTÓRIA DUM JARDIM ESCOLA»

A propósito da reportagem sobre a entrevista referida no jornal D. E. de 1/11/75, sobre o título em destaque, desenvolvida a traços largos com base no meu depoimento bastante pormenorizado (o sublinhado são expressões vossas) pretendo fazer notar que alguns passos da v/ reportagem, em meu entender, não traduzem bem a intenção de algumas das afirmações que fiz e que ficaram registadas em gravação.

O que pretendi dizer, em vez do que citam - «Entretanto, procurou--se junto dos pais das crianças a quotização necessária para custear uma educadora diplomada, mas, apesar da boa-vontade de algumas pessoas, as crianças ficaram ao cargo de uma pessoa com boas qualidades, mas não diplomada»—, foi: — Entretanto, procurou-se, junto da população interessada na obra, saber quais os recursos que poderiam ser postos ao dispor do Clube para o funcionamento do jardim-escola, mas, apesar de terem sido registadas várias ofertas, uma ou outra condicionada a ser contratada uma educadora diplomada, só muito pouco foi recebido e para não protelar o início do funcionamento resolveu-se começar, de acordo com os recursos que tínhamos, com educadora de boas qualidades para o efeito mas não diplomada. (Acrescento agora - de acordo com a sugestão dada por um representante da Câmara Municipal de Espinho e que a direcção do Clube aprovou).

Em substituição do que referem, - começou a correr a versão de «Jardim-Escola Paroquial» com o que se pretendia subtrair ao Clube a responsabilidade da orientação do jardim-escola. Argumentava o pároco que o jardim-escola estava reservado apenas aos filhos dos sócios. Mas esse problema nem chegou a existir, pois bastava as crianças pagarem 2\$50 por mês para poderem ser considerados sócios menores» -, pretendi dizer: - Começou a correr a versão de «Jardim-Escola Paroquial» que retirava ao Clube o mérito de uma actividade, da iniciativa da Colectividade, que se considerava de extrema importância para justificar a sua con-

tinuação, por na ocasião o Clube não ter outro aproveitamento significativo para a sua continuação. Afirmei também que o pároco da freguesia havia pormenorizado que o termo «Jardim--Escola Paroquial» apenas pretendia significar que o Jardim-Escola deveria ficar aberto a todas as crianças, quer fossem ou não filhos de sócios, o que em princípio iria ocasionar desrespeito aos Estatutos da Colectividade, mas que, para esse problema acabou a direcção por encontrar uma solução, considerando todas as crianças como sócios menores, situação que era regularizada com o dinheiro da inscrição no Jardim-Escola, 30\$00 por ano, única contribuição fixa imposta para admissão das crianças, que entrava nos cofres do Clube como quotização de sócios menores (2\$50 por mês).

Onde se relata — «Perante esta situação, os membros do Clube fizeram as contas e verificaram que seriam precisos 80 contos para a manutenção do Jardim-Escola com uma educadora infantil diplomada» - ficaria mais compatível: - Os membros da direcção do Clube fizeram um inquérito escrito que foi assinado pelos pais das crianças e com base nele concluiram, ser necessário, além dos recursos da colectividade e da revista contribuição dos pais das crianças, mais cerca de oitenta contos para ser possível a manutenção do Jardim-Escola com uma educadora infantil diplomada e outros requisitos considerados necessários.

As partes da reportagem a que não faço reparo correspondem duma maneira geral, mas quanto à parte final pretendo afirmar que é minha (embora possa ser também dos sócios do Clube) a convicção de que é indispensável a urgente criação de um Jardim-Escola em Paramos, em melhores instalações e de facto sob a égide da freguesia, com a colaboração das entidades e da população de Paramos da mesma forma como tem acontecido para outras obras também importantes de necessidade não superior.

Domingos Marques Monteiro

«A carga dos bárbaros implacáveis»

ridos houve ou quantas casas foram les, mais parecido com um blindado destruídas, na passada semana, na nossa cidade. Bem, mas não se assustem, não foi a guerra civil que começou, foi apenas uma onda de violência cinematográfica que assolou um dos cinemas locais. E de forma bastante intensiva.

Na segunda-feira deu-se inexplicavelmente «A carga da Polícia Montada», talvez sobre os inúmeros forasteiros que acorreram à feira semanal. Na quarta, não sabemos por que carga de água, foi a vez de «Hércules contra os Bárbaros», ensombrar a pacata noite da nossa cidade, sendo de salientar que os Bárbaros, até bastante simpáticos, foram destruídos es-

Ainda não sabemos quantos fe- magadoramente por esse tal Hércuapesar do seu olhar engatatão e dos seus músculos que fariam raiva aos atletas de Agosto que aparecem cá na terra.

> E por ser «Implacável», um tal Bruce Lee não se contentou em ficar um só dia em Espinho, ocupando quinta e sexta-feira em partir braços e pernas a quem lhe aparecesse à frente, lançando estridentes berros, mais fortes que a sereia dos bombeiros.

> Apenas terça-feira escapou a esta carga de implacáveis, reinando a. acalmia, a serenidade. As portas do referido cinema estavam encerradas nesse dia!

Vendem-se andares para habitação

RUA 31, N.º 192

Informa: SOCIEDADE CONSTRUTORA IDEAL DE ESPINHO, LDA.

Angulo das Ruas 18 e 21 — Telefone 920642

Vamos hoje dar um bocado de resposta às perguntas do nosso leitor que nos interrogou acerca de Arrabal.

Dizemos «um bocado» porque, com o que hoje publicamos, respondemos apenas parcialmente ao que nos foi perguntado. Mas tencionamos — logo que recebamos as obras encomendadas, a que há dias nos referimos, e se nelas vierem os elementos que desejamos - publicar mais informacoes.

Hoje transcrevemos parte do texto de um programa do cinema Passos Manuel, relativo ao filme «Irei como um cavalo louco», do cineasta em questão. Este programa foi-nos emprestado pelo nosso amigo Luís Teixeira, para quem vão os nossos agradecimentos.

Arrabal, dramaturgo (e cineasta) espanhol vivendo no exílio em França. Há ainda por toda a parte quem se obstine em fazer de Arrabal um artista escandaloso. Basta ver o número de vezes que as suas peças e os seus filmes têm sido interditos ou ameaçados pela sanha das mais variadas censuras. Mesmo em França. Neste país, já não tão livre como parece, o Ministro dos Assuntos Culturais recusou durante certo tempo o visto de exibição a IREI COMO UM CAVALO LOUCO por considerá-lo «atentatório dos bons costumes». Por fim, o filme saíu, mas o cinema em que se estreou em Paris foi obrigado a colocar à porta o seguinte aviso: «A Comissão de Censura tem o dever de avisar o público que os temas deste filme são simbolizados ou ilustrados por sequência de pornografia, escatologia e de atrocidades físicas». Aviso que a revista ECRAN 73 considera abusivo, infamante e revelador de uma total incompreensão da obra.

O crítico da citada revista, Guy Braucourt, comenta: «Tudo isso resulta do facto de os intolerantes, os censores (amadores ou profissionais) e os castradores da arte e da vida não saberem compreender as obras que vêem, deformando-as com o olhar toldado pelas suas próprias obsessões doentias. (...) Tais pessoas não verão, no último filme de Arrabal, senão imagens julgadas provocadoras e chocantes uma vez que não sabem integrá-las quer no conjunto de uma obra que assenta sobre a sensibilidade de uma criança martirizada (o que vem do primeiro filme. «Viva la muerte»), quer na história de uma vida marcada

por grandes traumatismos: guerra civil, prisão do pai e seu desaparecimento revelação da traição da mãe. Assim, tais individuos não reterão, através do filtro deformante da sua própria baixeza e vulgaridade de sentimentos, senão o sentido literal de algumas imagens-choque: defecação, castração, sodomia antropofagia. Quando, na realidade, se trata, por meio de uma linguagem auto-psicanalítica, de pôr ao vivo um certo número de feridas morais cuja força obsessiva transforma em chagas, profundamente rasgadas na obra de um poeta das palavras (teatro) e das imagens (cinema). O filme IREI COMO UM CAVALO LOUCO não é mais do que o retrato intimo do seu autor, desdobrado em dois personagens: o jovem (dominado pelo poder castrador da mãe) e o pastor selvagem (que se vê confrontado com a civilização parisiense). Temos, por um lado, esses personagens que são como que as duas metades de um ser mutilado a quem falta a presença viril e terna de um amigo, de um

de decomposição.» (...) «O bom selvagem de Arrabal é o complemento vital do civilizado descarrilado em que se transformou o homem de hoje: é a efectividade e a magia, a inocência e a força anímica, que o «civilizado» abafou em si, traído-educado nesse sentido pela família, pela Lei, pelas instituições. (...) Este filme de Arrabal é bem um cinema doloroso, que se desenvolve à maneira de um grande cerimonial bárbaro tão afastado de qualquer corrente sobrerrealista como de qualquer referência intelectual».

irmão, de um pai, e por outro lado todo

o sentido dos ritos de uma sociedade que

não tem de avançado senão o seu estado

«O filme de Arrabal é, sobretudo, um grito que vem do passado, do coração e das entranhas de um homem. As suas imagens não devem ser apreciadas em termos de estética nem sobretudo de moral. Há que recebê-las como uma confissão em voz alta como bocados de carne viva arrancados a si próprio pelo autor. Arrabal procede a uma operação (ao mesmo tempo onírica e cirúrgica) que leva ao fundo dos abismos do seu ser, donde desenterra visões dilacerantes».

(adaptado da crítica de G. Braucourt), in ECRAN 73, n.º 20

Ferreira de Campos Dulce de Oliveira Campos

Advogados

Rua 11 n.º 877 — Telef., 922210 ESPINHO

DR. A EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º Telef. 921891 ESPINHO Consultas - Dias úteis das 16

às 19 horas

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações Consultas todas as 3.as-feiras a partir das 14 horas, na Policli nica do Dr. Miranda Valente -Rua 31 n.º 321 - Espinho - Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

PASSAPORTES

Bilhetes de Avião e de Comboio Agência de Viagens OS CAPOTES Rua 12 n.º 628 — ESPINHO Telefones 921941/921285

CALISTA

Consultas em Espinho:

9 às 13 horas - 14,30 às 19 horas

Rua 25 n.º 48 — Todos os dias

Coluna

(Conclusão da pág. 5)

C.) - Rei da Macedónia, filho de Filipe, um dos grandes conquistadores da Antiguidade. Depois de ter obtido que lhe reconhecessem o título de general chefe para um congresso dos estados gregos, realizado em Corinto, lançou contra o Grande Rei (Dario III) um exército que triunfou no Granico (334) e em Issos (333). Depois de conquistada a Ásia Menor, avançou sobre o Egipto, fundou Alexandria (332), depois esmagou o exército de Dario Codomano (Dario III) em Arbeles (331) e, depois do assassínio do vencido pelo sátrapa Bessos, tomou o título de rei dos Persas. Avançou seguidamente até à Bactriana (Afganistão) e até ao Indo (325). Trouxe então o seu exército até Susa, enquanto o seu almirante Nearcos rumava para o golfo Pérsico. Esva a aplicar-se a organizar a sua monarquia oriental e a preparar uma expedição à Arábia quando uma febre infecciosa o vitimou. Se o Império se desmoronou pouco depois da sua morte, pelo menos a sua obra permitiu a difusão da civilização grega na Ásia ocidental e no Egipto.

1 — Pergunta

Que dizem a esta secção?

J. A. Godes

COLUNA 1

1 — Anedota

«Quando o procurador-geral foi despertar Petiot (assassino de 27 pessoas, entre 1942 e 1944), para o conduzir ao cadafalso, onde seria guilhotinado, o criminoso acolheu-o com os piores insultos.

— Silêncio! — disse-lhe, severamente, o procurador-geral — Não agrave ainda mais o seu caso!».

1 — Provérbio

«Ao cabo de cem anos os reis são vilões e ao cabo de cento e dez são os vilões reais».

1 — Citação

«Só amamos as mulheres que fazemos felizes».

Marcel Achard

1 — Curiosidade

«A pulsação representa a passagem da onda provocada por cada contracção cardíaca.

Idade — Puls. por minuto

1 ano	115	a	130
2 anos	100	a	115
7 anos	85	a	90
14 anos	85	a	90
Adultos	60	a	80

Nota — Limites extremos anormais: abaixo de 40 e acima de 200. Conta-se em média uma aceleração de 18 batimentos por cada grau de temperatura acima de 37°.»

1 — Excerto

«A mocidade tem destas esplêndidas confianças; só por amar a Verdade imagina que a possui; e, magnificamente certa da sua infalibilidade, anseia por investir contra tudo o que diverge do seu ideal, e que portanto considera Erro, irremissível Erro, fadado à exterminação».

Eça de Queiroz — «Advertência» de introdução a «Uma campanha alegre»

1 — Poema

Abalada

Partiram todas as aves Quando o inverno falou! Cada uma disse adeus Ao seu beiral e abalou

Sobre caminhos de mar Que Deus nas asas traçou... Todas as aves partiram Quando o inverno falou!

Ave que não emigrou, Só eu, Amor, não parti! Por mais invernos que houvesse Em ti..

JORGE VILA em «Se calam assim fosse...»

1 — Pessoa

Alexandre Magno ou Alexandre o Grande (356-323 A.

(Conclui na pág. 4)

strossessessessessessesses

Como vai o negócio?

A CARNE

A «D. E.» foi ver como anda o negócio da carne. Não, desta vez, da carne das «cenas eventualmente chocantes» (que esse negócio vai... que nem se pergunta), mas da carne propriamente dita; aquela que ornamenta pratos com a magnitude do rosbife ou engana tijelas com o conformismo da sopinha de ossos; aquela que pode custar 35, 36 escudos o quilo e ser tão boa como a que custa 140 ou 150, só que demora mais a cozer; enfim: carne de boi, de vitela, de porco, de frango, etc.

Há, em Espinho, muito onde se venda carne: os talhos da «praça», os talhos fora da «praça», os supermercados, a feira e... Começámos pelo local de mais tradições: a «praça» onde existem onze talhos. Entrámos no primeiro, demos uma vista d'olhos à «fazenda», uma palmada amigável no couro de meio porco enforcados pelos pés e disparámos:

Como vai o negócio?
O negócio anda assim assim!
respondeu o Sr. Eduardo Reis (filho)
Há falta de gado, as coisas sobem cada vez mais, cada semana o fornecedor chega aqui e pede mais «xis», o que faz com que tenhamos de aumentar o preço para os fregueses, como é lógico. Esse aumento também não pode ser muito grande senão a freguesia começa a fugir.

O que não há dúvida é de que a carne se vende sempre muito bem, o freguês escolhe mesmo aquilo que é bom: a carne de 1.º; e cada vez em maior quantidade!

«...NÃO VAI MAL!»

Do «assim assim» do Sr. Reis ao «Isto está... (censurado). Está do piorio!» do Sr. José Gonçalves, fica (em caminho) o talho do Sr. Manuel Leal que nos confidenciou:

— Está a ficar bonito, está! Está a ficar lindo! Nós temos, mas é, que parar. Estamos a apanhar no pelo; não se vê um tostão de ganho! A gente trabalha como aqueles que trabalham e não sobra nada para nós!

«O negócio está muito ruim» segundo a opinião do Sr. Gomes Bastos. No entanto o Sr. Manuel Carvalho, talvez mais conhecido por «Neca Viteleiro», acha que:

— O negócio não vai mal! Vai havendo carne; um bocadinho de dificuldade para a conseguir, mas bastante. Para já, a coisa vai-se normalizando; para futuro, não sabemos!

Mas «isto muito bom, não está. Nunca esteve bem e agora, pior!», conforme nos confessou, no seu estabelecimento, um talhante que, por lapso, não identificámos e que acrescentaria ainda:

— O problema não é vender pouco; o gado é que está muito caro. Deviam existir novas tabelas!

O problema é este: gado caro e carne barata! E claro, a fiscalização actua!

Ao fim e ao cabo, como nos diria o Sr. José Couto Soares:

—...o negócio: clientela há!, felizmente vai havendo clientela, o que
prova que há muito dinheiro! Claro
que agora, devido à subida do preço,
torna-se um bocadinho mais difícil
para quem vende. Quando a carne estava tabelada, nós podíamos cumprir
e ganhávamos, tínhamos aquela margem de lucro; agora, a gente tem de
se limitar mais um bocadinho, mas

de resto, não se pode dizer que esteja assim tão mal.

E nós de todas as opiniões que ouvimos pudémos concluir isto que afinal as palavras de Joaquim A. Alves resume:

— A escassez do gado aumenta de dia para dia, sobe o preço naturalmente, e como os preços da carne para o público ainda se mantêm, não houve alterações nenhumas, nós é que estamos a sofrer, a aguentar tudo!

«...É UMA QUESTÃO DE INTERMEDIÁRIOS»

Escassez de gado, preços a aumentar, talhantes a sofrer... porquê?

O senhor Manuel Leal nas suas declarações deu-nos uma pista, disse:
—Vender, vende-se muito; o que

é, estamos a trabalhar com intermediários e isso...

Se nós tivéssemos quem nos fornecesse...; eles falavam em fazer uma cooperativa para nos fornecer e isso talvez fosse melhor para nós, sempre era aquele preço certo. Agora: esta semana custa mais dinheiro, para a semana mais dinheiro — a gente acaba até por se chatear!; não vale a pena trabalhar!

O senhor José Gonçalves também nos falou de intermediários e

não só. Assim:

- Ontem, chegou aqui o homem das vitelas: «Olhe, ó senhor fulano, para a semana as vitelas custam, cada quilo, oitenta paus»; (estávamos a pagá-la a setenta e quatro) e eu disse-lhe: «--- Ó Artur, mas qual é o motivo?» «- Olhe, vocês não sabem, que estão aqui metidos no talho, ali naquelas partes de Melgaço, Valença e Monção, vão para Espanha às dezenas de vitelas e bois; um quilo de bife, em Espanha, vale 200 paus, os gajos vêm a Portugal, a um boi que vale, suponhamos, 20 contos oferecem mais quatro ou cinco contos os nossos não podem competir e o gado vai-se.» É esse o nosso mal.

Hoje o homem dos bois diz que foi para a cidade da Guarda, ontem; havia de ser uma feira de dez ou doze bois, trouxe dois bois, só! diz ele: «—Andei quatrocentos e tal quilómetros, sem comer, para trazer dois bois — não dá para o trabalho!» Mas o gajo disse mais: —«isto agora está assim, mas para o ano de 76 cada quilo de boi custa 100 mil réis.»

O Sr. Alfredo Pereira, empregado, que também ouvimos, acrescen-

taria a esta questão:

— Isto é uma questão de intermediários, portanto é a esses intermediários que deviam botar a mão!

E como se observássemos que os próprios intermediários se queixa-

vam, ripostou-nos:

- Pois é; eles queixam-se, mas a gente sabe muito bem... Olhe, por exemplo, o intermediário que comecou por fornecer a carne aqui ao patrão e, agora, fornece os talhos todos, veio para aqui com uma camionetazinha e hoje tem uma grande camioneta e ainda mais outra e assim sucessivamente. E sabe bem, se acabasse o intermediário isto seria me-Ihor. Só como exemplo: «Eu peço um boi a este intermediário e ele «não tem», vai a outro do mesmo mester que lho arranja, mas quer 500 mil réis de ganho. Quem é que, ao fim, paga? ...

Há uma Junta dos Produtos Pecuários e essa Junta é que devia fornecer os talhos — comíamos carne mais barata!

«ESPINHO NÃO É PORTUGAL?»

Intermediários atacados. Um intermediário, que, por acaso, encontramos, que se defende:

— O problema é que o gado está a faltar muito, dia a dia. Eu já disse aqui aos amigos que se deixarem de matar gado é um favor que me fazem. Não se encontra gado: nem caro, nem barato! Tanto vale levar hoje por 2 bois 70\$00 em quilo, como amanhã 90\$00, e depois 100\$00! A fortuna é a mesma.

Olhe, fui a uma feira na Beira Alta e comprei 10 bois que é quanto carrega a minha camioneta. Enquanto estava à espera de umas feveras para almoçar, percebi pelo movimento que, no dia seguinte, se quisesse, já não encontrava gado para comprar. Assim comprei mais 8 bois e tive que arranjar quem mos guardasse e levasse depois à feira de Ladares, ora isto custa dinheiro!

E veja, costumo ter sempre em minha casa vinte e tal cabeças de gado e hoje, ao fim da tarde, depois de aviadas as encomendas, o amigo vá lá se quiser, pode ver que não tenho nem uma cabeça de gado! Se alguém me pedir mais um boi, não tenho!

A razão disto, quanto a mim, é o abandono a que a lavoura está votada: há mais gente a comer do que a trabalhar!

Havemos de ver com mais cuidado esta coisa da lavoura de que nos fala o Sr. António Marinheiro. Agora que o tema é carne e intermediários tem mais interesse ouvir o que pensa disto o Sr. José Pereira:

— Estamos a passar uma crise muito grande. Os fornecedores levam-nos um aumento muito grande e até nos pedem para não comprar gado, que não têm possibilidades de abastecer os talhos aqui de Espinho. Para mim, não se justifica tanto aumento porque nós sabemos que, às vezes, são manobras que eles fazem para ganhar um bocadinho. Isto não está certo. Os intermediários, quando estão a ganhar, nunca nos abatem nada aos preços e, agora, vêm-se a perder e é um tal aumentar!

— A Junta dos Produtos Pecuários não sabe o que anda a fazer ou não está bem organizada! porque há matadouros em que se vai inscrever o gado, a Junta dá Xis por cento ao lavrador e, ao talho, é mais barato. Ora se a Junta fornece a esses matadouros porque é que não fornece a Espinho? Espinho não é Portugal? Devíamos também ser abastecidos pela Junta para poder competir com os preços que, nessas terras, o cliente paga ao balcão.

Aqui deixamos registadas declarações de quem tem o seu negócio
de carne no Mercado Municipal. Através delas e percebe toda a complexidade do problema que é produzir,
distribuir e vender a carne. Procuraremos em próximos números voltar
ao problema. Para já, no próximo
número daremos conta daquilo que
se passa com os comerciantes de
carne, fora da «praça», que também
ouvimos.

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469 Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA

BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

CANALIZAÇÕES

CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00

CASSETES COM MÚSICA 60\$00

TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS

ALCATIFAS

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

VITORINO LOPES

TELEF. 920565 - M.te Lírio - E S P I N H O

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

CASA LUCIANA

Boutique

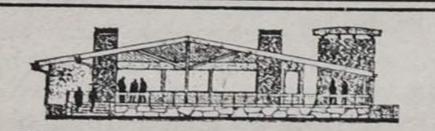
Rua 19 n.º 318 — ESPINHO

Representante em ESPINHO dos Brinquedos «SÓBRINCA» e dos artigos de viagem «TAURO»

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,

Discoteca

Calçado, Artigos de Fantasia - NOVIDADES!



Snack

CABANA — Sugere aos seus estimados clientes SNACK-BAR ---- Pratos do dia económicos

2.ª Feira — Bacalhau à CABANA 4.ª Feira - Chispalhada c/ Feijão Vermelho à Trans-

5.º Feira — Frango de Caril à CABANA

6.ª Feira - Peixe à Portuguesa

SÁBADO - Papas de Sarrabulho com Rojões DOMINGO - Pratos Especiais

TERÇA-FEIRA — DESCANSO DO PESSOAL — Preços especiais de OUTUBRO a MAIO — Aos Domingos — Matinés Dançantes

********** FGRANDE

CASINO DE ESPINHO

* Telefone 92 02 38

Onde o Norte se diverte

No Salão de Festas-Restaurante (maiores de 14 anos) TODAS AS NOITES A PARTIR DAS 22 HORAS JANTARES-CONCERTO E MÚSICA DE BAILE PELOS CONJUNTOS

JOSÉ QUELHAS PROMOTION MUSICAL 6 TONY SAMPAIO

MATINES DANÇANTES AOS DOMINGOS A PARTIR DAS 16 HORAS

Diariamente grandioso Show

KRENATO FIGUEIRINHAS Imitador cómico

MARIA ESPÍRITO SANTO Fadista 4

BALLET AS DE COEUR

Ballet Francês

Grandiosa tarde infantil

SÁBADO, 22-11-75 — às 15 horas

(Maiores de 6 anos)

Espectáculo dedicado às crianças das Escolas Primárias Masculinas e Femininas da Marinha (Silvalde)

em que colaboram:

LINITA ONOFRE — A grande revelação da canção portuguesa JOY — Espectacular festival de ilusionismo CONJUNTO ARTIRENE — Canções e música moderna ZÉQUITA & COMPANHIA — Palhaços, parodistas musicais

Na boite

(Maiores de 21 anos)

JANTARES-CONCERTO, TODOS OS DIAS, A PARTIR DAS 20 HORAS SEGUIDOS DE

> VARIEDADES E BAILE PELOS REFERIDOS CONJUNTOS E SHOW

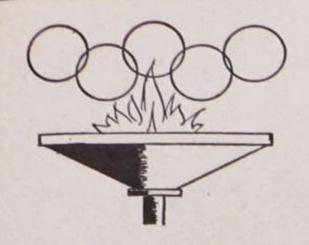
Sala de Jogos e

SLO'i-MACHINES a partir das 15 horas

Aberto de 1 de Junho a 30 de Novembro

Duas Organizações o mesmo Prestígio!

GOTES



desporto





NACIONAL DA 2.º DIVISÃO - ZONA NORTE

SP. ESPINHO, 1-RIOPELE, O

vitória dos «tigres" - futebol dos «fabris" !

Campo da Avenida, sem a enchente esperada, chuva, terreno lamacento, arbitrou Manuel Veiga, de Coimbra, auxiliaram Ferreira Afonso e Pereira Santos, com as turmas a formarem:

SP. DE ESPINHO - Abrantes; Raúl, Washington, Gonçalves e Amaral; Cila, J. Carlos e Adilson (Malaqueta, 46 m, depois Gentil, 85 m.); Telé, Lemos e Helder.

Suplentes: Aníbal, Gomes e Gaúcho.

RIOPELE - Manuel Joaquim; Albano, Orlando, Abreu e Teixeira; João, Barros e Luis Pereira (Vasco, 79 m.); Vieira, Piruta e Neca.

Golo: Aos 75 m. João Carlos recebe a bola, progride, centra, TELÉ, rápido, surge frente ao guardião e desvia de cabeça, sem hipótese.

Cartões Amarelos: Ambos por jogo considerado perigoso: Washington, 41 m. e Teixeira, 46 m.

Futebolisticamente falando, a melhor equipa no terreno foi, de longe, a do Riopele. Mesmo a melhor que se exibiu, até agora, no «Avenida». Todavia, os jogos ganham-se com golos e o único conseguiu-o o «Espinho». E, também, o renovado engodo de Telé-goleador ou do renovado Telé-goleador. Que, «assinando o ponto», consegue a vitória ou evita a derrota.

Boa colectivização, bom índice técnico, preocupação contínua de jogar raso, ao primeiro toque, em progressão, calma, discernimento, bons executantes, tudo isso pertenceu ao de estreia como «tigre». E os «fabris» Riopele.

Os «tigres» estiveram largos furos abaixo, mostraram-se inconsequentes, irregulares, continuando sem encontrarem ainda a sua directriz. E tarda!

Onde estará o «gato»? Começa a ser intrigante!

Jogo vivo, de bom ritmo (embora decrescendo com o rodar dos minutos), de boas fases, de verdadeiro campeonato, com largos períodos bem jogados (sobretudo Riopele, claro), sem preocupações de anti-jogo, tão próprio quando duas equipas bem

classificadas não querem perder. Fa-Iharam os dois conjuntos na penetração atacante e no remate. Mas, o Riopele deu a vantagem de jogar sem Vital, «esperança» cativa na selecção das ditas e marcador de serviço da equipa.

O Riopele, equipa por equipa, exibição por exibição, nunca merecia perder, contudo a maior acutilância, o maior frenesim (ainda que não esclarecido) em busca da vitória, isso pertenceu em «nervo» ao «Espinho». E há o codicioso Telé, em época sim, depois de época não, imitando a sim não tiveram nem o tal Vital, nem rematadores. E aí...

É que ganha quem marca e não quem joga melhor ou muito melhor!

Amaral, Raúl, Cila e Telé, em maior evidência; nos visitantes foi o conjunto, embora João (o melhor em campo) Albano, Vieira e Piruta as individualidades. A arbitragem com altos e baixos, acaseirada nas dúvidas e deixando passar um fora-de-jogo (falta do bandeirinha) de «quilómetro» que ia dando golo a Telé.

C. S.

QUENTES E BOAS

O 61.º aniversário do SCE teve a marcá-lo dois eventos cultural-desportivos aos quais, por razões de feitura do jornal e de falta de espaço, não pudemos dar a devida relevância. Não queremos, porém, deixar de assinalá-los, embora só agora, para tecermos algumas considerações pertinentes.

Primeiro, foi o jornalista MÁRIO ZAM-BUJAL, um homem cujo «curriculum» não se circunscreve à militância no sector desportivo, embora, na actualidade, seja director do trissemanário «Mundo Desportivo».

Com uma sala onde havia, apenas uma trintena de associados, Mário Zambujal abordou o desporto em genérico, partindo do exemplo Espinho, para passar pelo plano nacional e internacional, dispersando-se por diversas modalidades. De palavra fácil, de bagagem completa, o palestrante prendeu a plateia e, depois, manteve com ela um colóquio, que se revestiu do maior inte-

Isto, durante cerca de 4 horas! Ena!

No dia do aniversário - 11 de Novembro - dizem os estatutos que é, obrigatória, uma assembleia geral ordinária. Faz-se todos os anos, fez-se mais uma vez. Durante essa assembleia, comemora-se o aniversário e há um acto solene.

Assim aconteceu, sob a presidência de Alberto Alves, secretariado por José Almeida (Jó) e José Azevedo.

Não terá sido bem propagandeado o acto (culpas apontadas para o sector administrativo do Clube) e, apenas, meia centena de associados estiveram presentes. Mas, o alheamento da massa associativa não foi reflexo dessa falha da melhor propaganda. É crónico nestes eventos.

Não se fala de reforços...

Por isso, se admiraria o tesoureiro do (Espinho Viva», Joaquim Neves, vindo lá da Venezuela para trazer o abraço da Filial N.º 1 e uma artística placa. Admirou-se da falta de sócios, porquanto, segundo disse,

ao comemorar-se lá, o aniversário do SCE nunca menos de dois centos de espinhenses se associaram. Os associados presentes registaram, com imenso agrado, a atitude do «Espinho Viva» e endereçam, no calor dos aplausos, e no abraço do presidente da assembleia geral, o seu agradecimento, toda a simpatia e quanto sentiram pela mensagem vinda dos bairristas espinhenses da Venezuela.

Foram concedidos galardões de mérito aos atletas que, consecutivamente, fizeram mais de 10 anos de actividade desportiva. Meireles, Gonçalves, Ribeirinho e Gomes, no futebol. Manecas e Tomás, no andebol. Rolando e Toni, no voleibol.

Um bravo à rapaziada!

Por proposta do presidente da assembleia geral, a massa associativa presente, espontânea e unanimemente, tributou um quente salva de palmas ao actual timoneiro do Clube, Marçal Duarte, pela maneira como tem sabido dirigir a Colectividade, revelando-se um presidente à altura.

Veio na hora! O presidente. As merecidas palmas!

O ponto principal do acto foi uma palestra pelo prof. Hernâni Gonçalves, preparador físico do Boavista e da selecção portuguesa de futebol. Transmontano, antigo professor primário, o orador fez questão de salientar que o ligam a Espinho terra laços de amizade, pois, vindo lá do norte - frio, leccionou aqui, na velha escola da Feira e encontrou um ambiente quente de solidariedade humana.

E bebeu «água do mocho!»

O prof. Hernâni Gonçalves, teceu oportunas considerações sobre desporto, que foram desde a análise a quanto se passa em Espinho, a nível geral, até aquilo que é possível fazer em desporto no nosso país, face às infraestruturas existentes. Em variados quadros coloridos, com objectividade e fluência, com exemplos adequados

e esclarecimentos pertinentes, foi abordando os múltiplos temas e, necessariamente, o da importância fundamental da preparação física a todos os níveis, mesmo até fora do desporto, matéria na qual fala, ainda mais, com perfeito conhecimento de

Lá boa preparação, mostrou o professor!

Uma lição magnífica, em cerca de quarenta e cinco minutos optimamente passados a aprender-se desporto, através de quem o pode ensinar, esclarecendo e apresentando temas vivos e exemplos claros.

O prof. Hernâni Gonçalves soube, ainda, situar o Clube em festa no lugar devido no desporto e fazer-lhe justiça, como a Espinho - centro - desportivo-dos-mais-apetrechados, sem esquecer as palavras que teve para com a Imprensa desportiva (depois secundado pelo presidente da assembleia geral) pelo apoio dado à causa e ao Clube, salientando o papel vigoroso e honesto, do nosso colaborador Carlos Sárria, que tinha acabado de conhecer, e admirava há muito, dedicando-lhe uma salva de palmas, avalizada pela assembleia, enquanto o abra-

A primeira PROVA PEDESTRE do Sp. no Porto. Embora ainda existam umas mavai jogar andebol de 7 (juniores e juvenis) de Espinho, teve assinalado êxito e ao director-geral da prova, Armando Figueiredo, o obreiro n.º 1 da trabalhosa orgânica, cabem os maiores louros, sem esquecer o prof. Jorge Ramiro, na direcção técnica, e os elementos dos vários juris, Manuel Faustino, José Almeida (Jó), Eng. Arménio Gomes, António Balona, António Silva (Toni), José Silva, António Ribeiro, Joaquim Godinho, José Sérgio, Joaqum Correia, Alberto Silva e Manuel Silva.

Uma palavra de muito louvor para o excelente apoio, na assistência ao total do percurso, dos Bombeiros Voluntários de Espinho.

Entretanto, eis as classificações: FE-MININO — 1.ª — Rosalinda Aurora; 2.º —



VOLEIBOL

SENIORES

AAE, 1-Sotto Maior, 3

AAE - Balona, Adriano, Jorge Teixeira, José Carlos, Beto, Mário Rui, Melo, José Teixeira e Luís.

JUNIORES

AAE, 3-Gondomar, 1

AAE - Fausto, Paulino, Aragão, Paupério, Lacerda, Jorge, Chico, Ludovino e Dário.

JUVENIS

Fiães 3-AAE, 2

AAE - Rogério, Baptista, Maltez, Jorge, Duarte, Barra, Fidalgo, Lacerda, Casimiro e Morgado.

FEMININO

AAE, 0-S. Mamede, 3

AAE - Fátima, Dina, Nanda, Mira, Tucha, Mena, Paula, Lurdes e Cristina.

HÓQUEI EM CAMPO

JUNIORES

Leixões 2-AAE, 0

HALTEROFILIA

Realiza-se hoje, sábado, pelas 21,30 horas no Pavilhão da AAE o 1.º Campeonato Regional de Iniciados da modalidade, estando presentes as equipas da AAE e do Futebol Clube do Porto.

Madalena Leite; 3.ª — Conceição Oliveira, todas do Gondomar. VETERANOS (mais de 30 anos) - 1.º Gelásio Lei; 2.º - Carlos Sárria; 3.º - Fernando Meneses todos de Espinho. ESCALÕES ETÁRIOS - 1.º (7/10 aons) - 7 anos - 1.º Paulo Santos (individual); 8 anos - 1.º - Abilio Pereira (N. D. Devesas); 9 anos - 1.º - Vitor Carmo (individual); 10 anos - 1.º - Paulo Simões (individual); 2.º (11/14 anos) — 11 anos — 1.º José Costa(N. A. Devesas); 12 anos José Silva (N. A. Devesas); 13 anos — 1.º Joaquim Fonseca (Fânzeres); 14 anos - 1.º Victor Pais (Espinho); 3.º (15/18 anos) — 15 anos — 1.º Fernando Joaquim (Fânzeres); 16 anos — Domingos Pinto (Silvalde): 17 anos — Fernando Mendes (Cacia); Eugénio Peralta (Cacia); 4.º (19/ /30 anos) — 1.º — Carlos Ferreira (Fânzeres); 2.º - Salvador Monteiro (individual); 3.º — Manuel Oliveira (Cacia).

Deve-se referir que o 1.º escalão e o feminino tiveram de percorrer 400 m.;, o 2.º escalão 600 m.; o 3.º escalão 800 m.; o 4.º escalão e os veteranos (!) 1.200 m., através das ruas de Espinho.

Os vencedores gerais foram: 1.º escalão (7/10) Paulo Simões (individual 10 anos); 2.º escalão (11/14) Victor Pais (Espinho, 14 anos); 3.º escalão (15/18 anos) Eugénio Peralta (Cacia, 18 anos); nos restantes como não havia discriminação etária, os vencedores foram os que já se assinalaram.

Por equipas, venceram os Desapoiados de Fânzeres, (nos 2.º e 3.º escalões) e o Gondomar (Feminino) não havendo outras classificações por equipas.

C. S.

última página

GAZETILHA

É a hora de ajudar

Tempo de contradições;
Nada certo, tudo errado:
Por cada dez aldrabões,
Há «vestígios» dum honrado.
Classificação severa?
Qual quê? — se dinheiro «fala»?
A aldrabice prolifera...
E até o honrado se cala.

Por palavras e por obras, Cada qual mente o que pode E diz lagartos e cobras, E o mais que à mente lhe acode.

Exemplo, a fauna política:
Se um fala a dois de união,
Não se livra desta crítica:
—«Correia de transmissão»!
Se há noventa contra cem,
Risquem-se os noventa agora!
— Há que respeitar quem tem
«Maioria... esmagadora»!

Maiorias, minoriais,
Boicotes, situações tensas...
— Deixem-se de fantasias,
De medições de difrenças:
Quem gosta de trabalhar,
Dispensa qualquer «plenário».
Vamos, portanto, tentar
«Levar a cruz ao calvário»!
Na dura senda de cardos,
Ninguém dê mostras de dor:
Temos de levar os fardos,
Uns dos outros, com amor!

Alberto Barbosa (BEKA)

Patronato da Divina Providência

Fomos visitar as instalações do Patronato da Divina Providência, tal como qualquer outra pessoa o pode fazer a partir das 18 horas. E é importante esta visita, para se tomar conhecimento do que consiste na realidade esta organização. Organização que, em Maio último, contava com 30 crianças, tendo agora a seu cargo 150! Os seus objectivos consistem simplesmente cuidar das crianças, oriundas das classes mais exploradas, cujas mães devido aos empregos não podem olhar por elas devidamente. As suas portas estão, portanto, abertas a recém-nascidos, a crianças em idade pré-escolar e àquelas que já andando na escola, não têm nos períodos livres quem vele por elas em casa, ficando limitadas a uma vivência de rua.

Contando actualmente com uma educadora infantil diplomada e com uma auxiliar, esperando em breve ter ao seu serviço uma enfermeira especializada em puericultura, e albergando um número já bastante razoável de crianças, o Patronato vê as suas instalações insuficientes para tudo aquilo que tem planeado. Uma sala para cada uma das categorias acima apontadas, uma pequena sala de espera e um refeitório. Por isso a construção dum pavilhão pré-fabricado,

situado no espaçoso pátio anexo ao edifício.

Este pavilhão irá resolver o problema da super-lotação com que a actual direcção se debate. Começará a funcionar em pleno a partir de 1 de Dezembro, tendo que ser pago até ao fim do ano.

Conta o Patronato com 60 contos sendo orçamentada a referida obra em 180 contos. A Câmara Municipal de Espinho votou já uma verba de 75 contos para esta organização, mas só a partir de 1976. Do mesmo modo foi oferecido ao Patronato 36 contos resultantes das receitas oriundas dos pavilhões de diversões instaladas no recinto onde funcionou a Feira Popular, que as receberá no decorrer do próximo ano.

É portanto para a população espinhense que a direcção se volta, fazendo sentir a todos a extrema importância que reveste neste momento a obra desenvolvida pelo Patronato da Divina Providência em prole das crianças mais desfavorecidas de Espinho.

Das colunas deste jornal apelamos para a total adesão de todos a este empreendimento, conscientes da maior importância que reveste tal actividade social.

MINI — INQUERITO

Esta semana resolvemos associar-nos à secção «como vai o negócio» e escolhemos também o mesmo assunto: a carne.

Decidimos auscultar a opinião de várias donas de casa que se encontravam em diversos estabelecimentos de venda de carne.

As primeiras impressões escutadas foram as da D. Aida Guimarães Ramos de Almeida que nos disse:

«A carne, como toda a gente sabe está muito cara. A recente subida de ordenados não foi suficiente para a subida dos preços. Assim não se pode considerar acessível o preço da carne. Eu por exemplo tenho dois filhos e para lhes poder dar uma alimentação racional e apropriada é-me muito difícil, mesmo quase impossível! Claro que poderei comprar aqui uma carne fraca, uma verdadeira porcaria que me sairia mais barato. Mas não vou dar uma coisa dessas às crianças! Para comprar-lhes boa carne, bom peixe, produtos alimentícios como por exemplo Nestum com mel além de outros, é-me impossível!

Porque é que estes preços, no caso da carne, se praticam? Francamente não lhe sei responder. Realmente veio muita gente das colónias, a situação é má e eles dizem que não há carne suficiente para abastecer as pessoas!»

Noutro local de venda solicitámos à sra. D. Maria Amélia Ruivinho algumas declarações sobre o mesmo assunto. Solicitamente confiou-nos o seguinte:

«A carne está caríssima. Porquê? Olhe, não estou ao par. Que está cara lá isso está! Agora a qualidade creio não se ter alterado. Apesar da constante subida do preço, não tenho notado grandes diferenças na qualidade, nem para melhor nem para pior.»

Para fecharmos o nosso Mini-Inquérito de hoje ouvimos o que a sra. D. Filomena Abreu nos tinha para dizer:

«Eu acho imensamente cara a carne aqui em Portugal. Cheguei de Angola há apenas 2 meses e imediatamente saltou-me aos olhos o preço muito caro da carne em relação ao que lá se praticava. Se tem vindo a subir, não sei, pois estou cá há escasso tempo e isso ainda não me permitiu notá-lo.»

Bem, a conclusão mais evidente é mesmo esta: a carne está cara! (Verdade de Monsieur de la Palisse!) Estranhamos no entanto o facto de todas as donas de casa auscultadas não concordarem com o preço da carne, sem saberem no entanto a que é que ele é devido. Se todos estivessem melhor esclarecidos quanto às razões da carestia de vida estamos em crer que mais rápida e eficazmente esta seria combatida.

Concurso «D. E.»

O leitor vencedor do nosso anterior concurso foi ADOLFO DA ROCHA E SILVA, morador na Rua 22 n.º 893, em Espinho. A resposta certa era: Wings.

E agora, leitores vamos fazer uma pausa no nosso Concurso, para o remodelarmos e o tornarmos mais aliciante. Logo que o fizermos, voltaremos semanalmente, ao vosso convívio.

Então, até breve.

SEMANÁRIO